



**Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)**

**A Produção do Conhecimento  
nas Letras, Linguísticas e Artes**

---

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-228-9

DOI 10.22533/at.ed.289190204

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.  
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Como o conhecimento é produzido? Onde se produzem conhecimentos? Qual a necessidade de produzi-los? Por que produzir conhecimentos na sociedade contemporânea? Quem são os autores que produzem os mais variados conhecimentos? Quais áreas do conhecimento são as responsáveis pela construção do próprio conhecimento? Responder todas essas questões significa propor uma reflexão discursiva e ampla.

O conhecimento é construído como propostas capazes de transformar as experiências dos sujeitos na sociedade. Produz-se conhecimentos nas academias, nas escolas e nos espaços não formais de ensino, porque a constituição do conhecimento estabelece-se com as propostas de letramento. A justificativa de produzir conhecimentos na sociedade contemporânea parte da necessidade de comunicação dos sujeitos com seus semelhantes.

Os falantes de Língua Materna são os responsáveis, autores e protagonistas na produção de conhecimentos, por isso não existe uma única área específica em que a formulação da ciência é estruturada, problematizada e proposta como ação reflexiva.

Esta Coleção traz ao leitor diferentes trabalhos das mais diversas áreas e estéticas. São trinta trabalhos que têm a finalidade de inserir os leitores nos mundos revelados por cada texto, porque cada textualidade é única, mas, ao mesmo tempo, plural por tornarem habitados os espaços comunicativos e interativos do texto como eventos de comunicação entre produtores, leitores e interlocutores.

A finalidade do primeiro capítulo enfoca um estudo do neologismo, demonstrando os neologismos criados como empréstimos linguísticos em diversas áreas. No segundo capítulo, as autoras discutem a organização das práticas de ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio do Instituto Federal de Goiás à luz das propostas da Base Nacional Comum Curricular. No terceiro capítulo, a autora apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada em 2014 sobre a consciência fonológica e os possíveis benefícios para o ensino-aprendizagem de língua espanhola.

A discussão do quarto capítulo traz à tona as contribuições de Mikhail Bakhtin no ensino da linguagem, fazendo um breve passeio pelo Círculo de Bakhtin, demonstrando as fronteiras discursivas no trabalho com a linguagem. No quinto capítulo um estudo lexical de uma temática instigante é discutido. No sexto capítulo, a autora propõe um estudo investigativo a partir do gênero textual *charge* como proposta discursiva na rede social *facebook*.

No sétimo capítulo, as autoras discutem a leitura e a produção de inferências nas provas de Língua Portuguesa do Processo Seletivo de Avaliação Seriada de uma instituição federal mineira, analisando, sobretudo, a desenvoltura dos candidatos. No oitavo capítulo o ensino de língua, literatura e cultura parte da utilização do gênero textual *crônica* como instrumento de ensino e aprendizagem. O nono capítulo traz os resultados sobre a intertextualidade explícita a partir da utilização e discussão dos

verbos *dicendi*.

No décimo capítulo, a autora examina alguns casos em que a transmídia fora utilizada por editoras brasileiras como ferramenta de criação de mídias suplementares aos livros produzidos. No décimo primeiro capítulo analisa-se o modo como a leitura é realizada pelo leitor, observando quais são os fatores determinantes para a interpretação e a compreensão de tirinhas na concepção pragmática. No décimo segundo capítulo é apresentada uma pesquisa em andamento que enfoca o estudo do léxico empregado nos livros didáticos de Português como Língua Adicional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras ocupam-se em analisar a segunda versão da Base Nacional Comum Curricular, mais precisamente do estudo do componente de Língua Portuguesa e de como a Literatura integra a referida versão do documento. No décimo quarto capítulo, os autores investigam as práticas situadas de letramento na elaboração do procedimento sequência didática por professores do ciclo de alfabetização, inseridos no Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa. No décimo quinto capítulo, dois motivos são apresentados pelo autor no que se refere às políticas linguísticas e na promoção do processo de ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos no Brasil.

No décimo sexto capítulo são relatados experiências e desafios da criação de um curso de Português – Língua Estrangeira, em Dar es Salaam, na Tanzânia. No décimo sétimo capítulo, as autoras trazem à discussão uma experiência de utilização de textos literários de autores brasileiros e latino-americanos, como Machado de Assis, Gabriel Garcia Márquez e outros no processo de ensino. O décimo oitavo capítulo discute a propriedade da literatura de relativizar muitos dos conhecimentos pragmáticos formadores dos indivíduos por meio do imaginário, o que possibilita ao leitor desenvolver, de maneira reflexiva, a subjetividade.

No décimo nono capítulo, a autora estuda textos literários multimodais como viés de contribuição e de compreensão das possibilidades interpretativas. No vigésimo capítulo, os autores apresentam esforços investigativos parciais no campo da filosofia da linguagem, na perspectiva de uma abordagem bakhtiniana. Já no vigésimo primeiro capítulo há a realização reflexiva acerca da literatura que trata das questões discutidas em toda a reflexão.

No vigésimo segundo capítulo, a autora analisa registros linguísticos em túmulos e lápides das línguas eslavas, polônês e ucraniano, faladas no interior do Paraná na relação com a identidade étnica dos descendentes de imigrantes eslavos. No vigésimo terceiro capítulo são averiguadas questões inseridas no âmbito da dublagem/legendagem que surgiram em consequência do processo de tradução audiovisual do objeto deste estudo. No vigésimo quarto capítulo, a autora discute algumas ideologias linguísticas presentes em comunidades de Prudentópolis sobre as línguas portuguesas e ucranianas.

No vigésimo quinto capítulo, as autoras debatem um texto de Jean Paul Bronckart, da Universidade de Genebra. No vigésimo sexto capítulo, a autora estuda a carta

rogatória como linha tênue na tradução entre o Português Brasileiro e o Italiano. No vigésimo sétimo capítulo, as autoras discorrem sobre a linguagem cinematográfica e as Línguas de Sinais promovendo um paralelo entre a Cultura Surda e o gênero *cinema* como artefato cultural.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute os processos de criação e produção das imagens em processo de ensino e aprendizagem nas escolas de educação básica, considerando-se, com base na abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano. No vigésimo nono capítulo são estudadas as estratégias de tratamento da afasia sob a perspectiva da neurolinguística discursiva e, no trigésimo e último capítulo da coletânea, os autores apresentam reflexões sobre o trabalho “Disponíveis”, ou seja, um conjunto de fotografias e vídeos em que se nota uma sequência de *outdoors* obsoletos presente ao longo de uma rodovia que liga as três cidades: Brasília – Distrito Federal, Alexânia e Anápolis – Goiás.

Todas as reflexões propostas no primeiro volume desta coletânea cumprem a finalidade de ensinar, comunicar e propor a interação dos sujeitos, na função de leitores e interlocutores dos textos. Assim, os votos direcionados aos investigadores desta Coleção são de que consigam ampliar os saberes e a partir deles estabeleçam as conexões comunicativas necessárias no exercício cidadão e linguístico das ciências da linguagem.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A FORMAÇÃO DE NOVAS UNIDADES LEXICAIS: NEOLOGISMOS	
Hendy Barbosa Santos	
Francisca Jacyara Matos de Alencar	
Elayne Sared da Silva Morais	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
ORGANIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE REFLEXIVA	
Aline Rezende Belo Alves	
Jane Faquinelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Fabiana Soares da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
BAKHTIN NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E NO ENSINO DA LINGUAGEM	
Ivan Vale de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902044</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
ESTUDO LEXICAL DE UM PROCESSO CRIME DE ESTUPRO DO INÍCIO DO SÉCULO XX – 1911	
Claudice Ferreira Santos	
Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>54</b>
LEITURA DE CHARGES E DISCURSOS JUVENIS: UMA ABORDAGEM SOBRE CIDADANIA NO FACEBOOK	
Edilaine Gonçalves Ferreira de Toledo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902046</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>66</b>
LEITURA E PRODUÇÃO DE INFERÊNCIAS EM PROCESSOS SELETIVOS DE AVALIAÇÃO SERIADA	
Claudia Alves Pereira Braga	
Mauriceia Silva de Paula Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902047</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
LITERATURA BRASILEIRA COMO INTERAÇÃO NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Maria José Nélo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902048</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>89</b>
O PAPEL DOS VERBOS DICENDI NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: PONTOS DE UM <i>CONTINUUM</i> ARGUMENTATIVO	
Alcione Tereza Corbari Quézia Cavalheiro M. Ramos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2891902049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>101</b>
O USO DA TRANSMÍDIA POR EDITORAS BRASILEIRAS: ALGUNS PROJETOS EDITORIAIS	
Camila Augusta Pires de Figueiredo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>110</b>
TIRINHAS: LEITURA, INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO, SEGUNDO O MODELO PRAGMÁTICO	
Onici Claro Flôres Silvana da Rosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>124</b>
VERIFICAÇÃO DE FREQUÊNCIA LEXICOLÓGICA PARA A CLASSIFICAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ADICIONAL	
Maryelle Joelma Cordeiro Carlos Antônio de Souza Perini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>136</b>
O CURRÍCULO PROPOSTO NA BNCC E A FORMAÇÃO EM LETRAS	
Taíse Neves Possani Elisa Isabel Schäffel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>145</b>
O USO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS POR PROFESSORES ALFABETIZADORES EM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA: ANÁLISE E DISCUSSÃO	
Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti Rosiene Omena Bispo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>154</b>
POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS BRASILEIRAS E LÍNGUAS PARA FINS ACADÊMICOS: UMA BREVE ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DOIS PROGRAMAS NACIONAIS	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>165</b>
A FORMAÇÃO DE UM CURSO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA NA TANZÂNIA: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS	
Jean Antunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020416</b>	



<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>174</b>
A LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA DE ENSINO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR	
<a href="#">Maria Aparecida de Castro</a>	
<a href="#">Maria Aparecida Rodrigues de Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>185</b>
A LEITURA LITERÁRIA NA AFIRMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE	
<a href="#">Simone Aparecida Botega</a>	
<a href="#">Andréa Portolomeos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>192</b>
A LITERATURA INFANTIL EM DIFERENTES SUPORTES: POSICIONANDO LEITORES E ESPECTADORES E GERANDO POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS	
<a href="#">Verônica Coitinho Constanty</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>210</b>
A PALAVRA E A RELAÇÃO EU/OUTRO NA PRODUÇÃO DO SABER	
<a href="#">Antônio Matosinho de Sousa Júnior</a>	
<a href="#">Alessandra Pereira Carneiro Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>218</b>
A MEMÓRIA DE TRABALHO E SEU PAPEL NA APRENDIZAGEM, EM ESPECIAL, DA LEITURA	
<a href="#">Lidiomar José Mascarello</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>230</b>
A VOZ DO SILÊNCIO: REGISTRO DE LÍNGUAS ESLAVAS EM CEMITÉRIOS NO INTERIOR DO PARANÁ	
<a href="#">Luciane Trennephol Da Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020422</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>244</b>
A TRADUÇÃO DAS ONOMATOPEIAS EM <i>SANZOKU NO MUSUME</i> , <i>RONJA</i> : MUITO ALÉM DO TIC-TAC	
<a href="#">Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado</a>	
<a href="#">Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020423</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>257</b>
AS IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS PRESENTES NOS USOS DA LÍNGUA UCRANIANA NA CIDADE DE PRUDENTÓPOLIS - PR	
<a href="#">Vanessa Makohin Costa Rosa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020424</b>	

<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>267</b>
BREVE DEBATE ACERCA DO QUADRO EPISTEMOLÓGICO SOBRE A ATIVIDADE DE LINGUAGEM DE BRONCKART	
Érika Christina Kohle Stela Miller	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020425</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>280</b>
CARTA ROGATÓRIA: A TÊNUE LINHA TRADUTÓRIA ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O ITALIANO	
Karla Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020426</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>291</b>
CINEMA SURDO COMO ARTEFATO CULTURAL: LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E LÍNGUA DE SINAIS	
Halyne Czmola Kelly Priscilla Cezar Lóddo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020427</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>305</b>
CRIAÇÃO E PRODUÇÃO DE IMAGENS NOS CONTEXTOS ESCOLARES DO SÉCULO XXI	
Rosana de Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020428</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>315</b>
DE QUE MODO A NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA PODE CONTRIBUIR PARA O TRATAMENTO DA AFASIA	
Maristela Schleicher Silveira Maíra da Silva Gomes Maica Frielink Immich	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020429</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>324</b>
DESLOCAMENTO, ENTROPIA E FOTOGRAFIA: REFLEXÕES A CERCA DE “DISPONÍVEIS”	
Pedro Emmanuel Assis Lara Lacerda Vicente Martínez Barrios	
<b>DOI 10.22533/at.ed.28919020430</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>335</b>

## A LEITURA LITERÁRIA NA AFIRMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

**Simone Aparecida Botega**

Universidade Federal de Lavras, Departamento  
de Estudos da Linguagem  
Lavras – Minas Gerais

**Andréa Portolomeos**

Universidade Federal de Lavras, Departamento  
de Estudos da Linguagem  
Lavras – Minas Gerais

**RESUMO:** Este trabalho tem o objetivo de discutir a propriedade da literatura de relativizar muitos dos conhecimentos pragmáticos formadores dos indivíduos por meio do imaginário, o que permite ao leitor desenvolver, de maneira profícua, a sua subjetividade. A literatura tem a capacidade de recriar o mundo real, retirando o leitor de seu lugar comum, de forma a estimular a sua subjetividade, uma vez que aciona sua criatividade para a criação de verdades particulares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura Literária. Imaginário. Subjetividade.

### THE LITERARY READING IN THE AFFIRMATION OF SUBJECTIVITY

**ABSTRACT:** This work aims to discuss the property of literature to relativize many of the pragmatic knowledge forming individuals

through the imaginary, which allows the reader to develop, in a profitable way, his subjectivity. Literature has the capacity to recreate the real world, removing the reader from its common place, in order to stimulate its subjectivity, since it triggers its creativity for the creation of particular truths.

**KEYWORDS:** Literary reading. Imaginary. Subjectivity.

### 1 | INTRODUÇÃO

Pretendemos discutir, neste trabalho, o desenvolvimento da prática peculiar da leitura literária como área particular de conhecimento, responsável por acionar e instigar a subjetividade do recebedor desse tipo de arte. Partimos do pressuposto de que, no contexto atual, o imaginário torna-se pouco desenvolvido devido à configuração e à mecanização social em virtude do racionalismo.

Como toda forma de arte, a literatura aciona o imaginário e a criatividade de cada indivíduo, estimulando sua percepção singular e subjetiva das coisas, do mundo e de si mesmo. Isso acontece quando o leitor desenvolve o hábito da leitura do texto literário que, por meio do trabalho ficcional, é levado a um outro mundo, que transpassa o real por intermédio da

imaginação. Dessa forma, o leitor é convidado a repensar o que já é por ele conhecido naturalmente, o que amplia a sua experiência como sujeito que vive em sociedade.

Consideramos, então, as especificidades da linguagem literária e da sua leitura, a fim de pensar em metodologias que despertem o interesse do leitor para esse tipo de leitura especial, diferente das leituras conhecidas por ele cotidianamente, ou seja, aquelas que se faz do texto pragmático. Diante dessa possibilidade, o leitor precisa experienciar a decodificação do texto literário que ocorre de modo diferente da interpretação de textos de outro gênero, visto que são constituídos por linguagens diferentes.

Em conformidade com essa proposta, dispomo-nos da literatura fantástica, que apresenta elementos que se distanciam da realidade vivenciada por cada sujeito. Segundo ensina Tzvetan Todorov, nesses textos, os elementos fantásticos correlacionam-se aos elementos reconhecíveis no real, fazendo com que o leitor hesite entre o que é cotidiano e o que é sobrenatural. Ou seja, os elementos fantásticos, na relação com a experiência empírica de vida do leitor, estimulam de maneira singular sua imaginação e criatividade e, por consequência, sua particular sensibilidade na significação do mundo. Como exemplo desse tipo de literatura, temos “O Nariz”, de Nicolai Gogol. Nesse texto, um homem acorda sem o seu nariz e inicia uma busca incessante por ele. No processo de leitura e significação desse fato tão inusitado, o receptor precisa exercitar fortemente seu imaginário, indo muito para além do que está escrito, à procura das reflexões veladas propostas. Ressaltamos, assim, uma diferença existente entre a leitura de textos literários e não-literários.

Diante disso, esse estudo se justifica pelo que afirma Antônio Candido sobre a literatura que, segundo ele, é uma arte que deve ser tratada como um direito de todos para o desenvolvimento pleno da subjetividade e da criticidade. Esse autor acredita que a literatura é fator humanizante, pois tange ao que é singular dos indivíduos, valorizando suas experiências e conhecimentos pessoais.

## 2 | ESPECIFICIDADES DA LEITURA LITERÁRIA

Nessa esteira, faz-se necessário esclarecermos sobre a especificidade da leitura do texto literário, considerando que esse se difere da atividade com textos de outro gênero. Isso ocorre porque a leitura literária se configura de maneira particular, não sendo de fácil decodificação. A linguagem literária, nesse caso, vista como a linguagem do desvio, abre caminhos para o acionamento do imaginário e da criatividade do leitor, que é retirado de seu lugar comum por meio do texto literário ficcional.

Primeiramente, é imprescindível lembrarmos uma das propriedades das obras literárias de grande relevância no processo de leitura. Essa diz respeito à catarse que se relaciona às emoções despertadas nos leitores no momento de fruição do texto literário. Diz Gustavo Bernardo sobre essa particularidade

[...] permite nos identificarmos com o sofrimento dos personagens, ou dos poetas, sentindo temor e piedade. Ao sairmos do teatro (ou do cinema, ou das páginas do livro), retomamos a nossa própria identidade – mas enriquecida pela experiência ficcional, que nos ajuda a conviver com as nossas dores e com os nossos dramas (BERNARDO, 1999, p.143).

Dessa forma, podemos pensar que através da ficção, ou seja, da representação da realidade de maneira artística, os leitores podem ter sentimentos relacionados a si próprios e suas vidas. Desenvolve-se aqui, uma espécie de um conhecimento mais sensível, uma vez que essas emoções não advêm racionalmente, mas situam-se no plano emocional. Antônio Cândido afirma que ninguém é capaz de passar pelas horas de seu dia sem que possa acionar a sua imaginação e fabulação, logo, a literatura representa essa via de incorporação das emoções. De acordo com esse crítico

A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo (CANDIDO, 1995, p.177).

Assim, o modo como o texto literário representa o real, faz com que os sujeitos sintam e reflitam sobre as suas questões. Dessa maneira, podem reorganizar, também, a sua visão e percepção de mundo pela via da subjetividade. Isso ocorre porque a arte é capaz de desautomatizar o olhar, que se encontra muitas vezes alienado e mecanizado em virtude das organizações sociais. Isto posto, depreendemos que a arte é capaz de excluir o automatismo do olhar, fazendo com que a visão transpasse a obviedade para que atinja a percepção em arte. Dessa forma, temos que cada sujeito pousa o olhar sobre a obra de arte sob diferentes perspectivas, de acordo com a sua sensibilidade e singularidade.

Assim a vida desaparecia, se transformava em nada. A automatização engole os objetos, os hábitos, os móveis, a mulher e o medo à guerra. “Se toda a vida complexa de muita gente se desenrola inconscientemente, então é como se essa vida não tivesse sido.” E eis que para devolver a sensação de vida, para sentir os objetos, para provar que pedra é pedra, existe o que se chama arte. O objetivo da arte é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção. O ato da percepção em arte é um fim em si mesmo e deve ser prolongado; a arte é um meio de experimentar o devir do objeto, o que é já “passado” não importa para a arte.” (CHKLOVSKI, 1973, p. 45)

Tendo em vista essa particularidade do texto artístico, é conveniente para este trabalho com a leitura literária, lembrar, também, o que sublinha Jan Mukarovsky (1981) sobre a percepção artística. De acordo com o crítico, essa ocorre por etapas, sendo constituída predominantemente pelo signo estético, que se difere do pragmático por não possuir um único referente no mundo real, caracterizando-se então, como plurissignificativo. Nessa esteira, os leitores necessitam de um olhar mais atencioso e menos automático em relação ao texto, uma vez que, como diz esse estudioso “o acto de percepção da obra de arte nunca é instantâneo, antes decorre no tempo e decorre por fases.”(MUKAROVSKY, 1981, p.223)

Sendo assim, o leitor é parte integrante e ativa no processo de leitura literária, uma vez que esse é quem significa o texto de acordo com a sua subjetividade. Nesse viés, ainda lembra Mukarovsky (1981, p.223) que “A arte é actividade não só do ponto de vista do autor [...] mas também na óptica do receptor, principalmente na percepção activa.” Ou seja, a obra não é somente constituída pelo autor, em razão da função estética – não tem um significado unívoco – uma vez que o leitor, por meio de suas experiências e seu imaginário, consegue atingir a fruição literária.

Nessa esteira, vale ainda lembrar Paul Valéry (2003) sobre um prazer estético que advém no momento de fruição artística. De seus estudos sobre estética que, segundo ele, é um termo de difícil conceituação, depreendemos que a atividade de leitura literária envolve um tipo particular de prazer, o qual excede a razão e busca atingir o vértice da sensibilidade. Isso acontece porque, no momento da leitura, são acionadas no receptor diversas sensações e sentimentos que desconstroem o que é conhecido por ele corriqueiramente. Esse tipo de prazer utiliza fortemente da sensibilidade e ultrapassa a compreensão meramente intelectual dos objetos. Diante disso, o sujeito, depois de sentir, pode repensar e ver de uma outra forma o que já conhece, tal propriedade que se relaciona com o que diz Candido (1995) sobre a capacidade de humanização da obra artística.

Isso posto, faz-se necessário lembrar outras propriedades da literatura que são pertinentes para esse trabalho, como a relação profícua entre a ficção e o imaginário. Para isso, consultamos os escritos de Wolfgang Iser, estudioso do processo de recepção do texto literário e, conseqüentemente, das implicações provenientes desse. O texto literário, pela ficcionalidade, tem a capacidade de ativar o imaginário do leitor, conduzindo-o a refletir sobre um mundo representado na obra por meio da “mímesis”. Isto é, o autor utiliza de elementos do mundo real e os recria, ocasionando em um outro mundo que se encontra em um âmbito superior ao mundo que se conhece, como sustenta o crítico

Ambos os significados implicam processos similares que poderíamos denominar “ultrapassagem” do que é: mentira excede, ultrapassa a verdade, e a obra literária ultrapassa o mundo real que incorpora. Não deveria surpreender que as ficções literárias tenham sido tantas vezes estigmatizadas como mentiras, já que falam do que não existe como se existisse (ISER, 1999, p.68).

Dito de outra maneira, o mundo ficcional representa o real como se fosse verdadeiro, mas ultrapassa o que é empírico porque estiliza os traços do real. Assim, na literatura, o fictício e o imaginário não se reduzem às atividades práticas e corriqueiras da vida humana, visto que a ficção não tem o propósito de chegar a determinada interpretação, porque suas não estão engendradas. Ou seja, essa propriedade associa-se fortemente à sensibilidade e à criatividade do leitor, afloradas durante a fruição.

Com isso, evidenciamos a interação da ficção com o imaginário, pois, segundo Iser (1999), a primeira sem o segundo é vazia, e essa é responsável por acionar o imaginário. Tal ativação da imaginação realiza-se no momento da leitura e são

dependentes entre si, visto que o imaginário não é “auto-ativável”. Segundo ele, os atos de fingir abrem caminho para diversas possibilidades de leitura, construídas pela imaginação, uma vez que o “mundo textual não significa aquilo que diz” (p. 69). Ou seja, o leitor irá repensar as realidades já conhecidas por ele, pois completará as lacunas do texto com suas impressões advindas de seu imaginário e de sua subjetividade.

### 3 | A LEITURA DA LITERATURA FANTÁSTICA E A SUBJETIVIDADE

Para elucidar o que foi exposto, selecionamos, neste trabalho, a literatura fantástica como um tipo de leitura capaz de acionar fortemente a subjetividade. Esse tipo de texto literário traz, muitas vezes, elementos inusitados que chamam a atenção do leitor, estimulando seu imaginário e sua capacidade criativa. A obra fantástica tem a propriedade de recriar, por meio da ficção, o mundo real, acrescentando-lhe elementos não reconhecíveis em sua lógica pragmática. Isso acontece pois, como ensina Todorov, esse tipo de obra engloba elementos naturais e elementos sobrenaturais, fazendo com que o leitor hesite entre o que é verdadeiro no mundo empírico e o que lhe é estranho. Em conformidade com isso, temos a seguinte afirmação desse autor: “A hesitação do leitor é pois a primeira condição do fantástico.” (1992, p.37)

Diante disso, essa hesitação só acontece porque, como se sabe, toda obra literária apropria-se da verossimilhança, que consiste na

propriedade da obra literária de, em vez de adequar-se a acontecimentos verdadeiros que lhe sejam exteriores, engendrar situações coerentes e necessárias segundo sua própria lógica interna, situações assim não propriamente assimiláveis à verdade, mas dotadas de vero-similhança, isto é, de semelhança com o vero, o verdadeiro (SOUZA, 2007, p.27).

Sendo dessa maneira, o leitor encontra no texto, traços reconhecidos por ele cotidianamente, mas, em algum momento da ficção surgem elementos que são inverossímeis – o que é propriedade desse tipo de literatura. Nesse momento, ele passa a oscilar entre o que é e pode ser verdadeiro e o que se surge como sobrenatural. Assim, é dessa dúvida de não saber em que acreditar, que emerge o tom fantástico nos textos. Uma obra que demonstra essas características é “O Nariz”, de Nikolai Gógol, na qual o elemento fantástico consiste em um nariz que aparece no meio de um pão de um barbeiro quando esse está tomando seu café:

Enfiou o dedo e puxou – um nariz!... Ivan Yákovlievitch ficou boquiaberto; pôs a esfregar os olhos e apalpou a coisa: um nariz, um nariz de verdade! E ainda parecia ser de algum conhecido. O pavor estampou-se em seu rosto. Mas esse pavor não era nada diante da fúria que tomou conta de sua esposa (GÓGOL, 2011, p.74).

Notamos, nesse momento da narrativa, o surgimento do elemento que traz o inverossímil: um nariz perdido que fora encontrado por um barbeiro no momento de seu café da manhã. Esse personagem se espanta e a partir desse instante dedica-se a se livrar do “objeto”, sendo perturbado por sua esposa, que também se preocupou com o acontecimento.

Em consonância com esses esclarecimentos, Selma Calasans Rodrigues (1988), em seu livro “O Fantástico”, ensina que as obras dessa natureza trazem consigo elementos extraordinários, os quais são assim denominados por se desprenderem do comum, do cotidiano, causando estranhamento e exigindo do receptor certa carga imaginativa. O leitor, ao se deparar com tal acontecimento, terá seu imaginário acionado, o que o levará a refletir para além do que está no texto, direcionando-se a reflexões implícitas. A título de exemplo, ao continuar a leitura, podemos ter a impressão de que o nariz – órgão perdido – sugere o grande ego do personagem que o perde, porque esse se sente humilhado e perde seu reconhecimento na sociedade, principalmente pelas mulheres. Tal questão desperta a criatividade no leitor e abre caminhos para diversas possibilidades de interpretações sobre o desaparecimento do nariz.

O trabalho com esse tipo de literatura pode ser profícuo uma vez que investe no processo imaginativo dos leitores e, ao considerar que o imaginário é específico de cada sujeito, temos a ação da própria subjetividade no processo de significação do texto literário. Esse reconhecimento das particularidades auxilia no desenvolvimento da sensibilidade e da alteridade, tornando os leitores sujeitos reflexivos e sensíveis para si e para o mundo.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, entendemos que o texto literário deve ser lido de modo diferente de textos pragmáticos, pois requer olhares demorados e reflexivos. Vale lembrar que, durante esse processo, ativa-se um conhecimento que ultrapassa o racional e funda-se na sensibilidade, pois não encontra-se submetido à padronização e à mecanização social. Através do acionamento do imaginário os indivíduos são capazes de desenvolver a alteridade e um maior senso crítico. Ou seja, entende-se que a experiência da leitura literária favorece o desenvolvimento da subjetividade do leitor, a qual é ampliada na medida em que o leitor exercita sua capacidade de fruição de textos literários. Em outras palavras, a literatura aciona o imaginário e a criatividade, fazendo com que sejam desconstruídos os conhecimentos de mundo pré-estabelecidos racionalmente e objetivamente.

#### REFERÊNCIAS

BERNARDO, Gustavo. O conceito de literatura. In: JOBIM, José Luis (Org.). **Introdução aos termos literários**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1999.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Ciência e Cultura - Vários escritos**. 3a. ed. ,rev. e ampl São Paulo: Duas Cidades, 1995.p 169-91.

CHKLOVSKI, Victor. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de (org.). **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1973.

GÓGOL, Nikolai. **O Capote e outras histórias**. 2a. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.



ISER, Wolfgang. O Fictício e o Imaginário. In: **Teoria da Ficção: Indagações à obra de Wolfgang Iser**. Trad de Bluma Waddington Rocha e João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

MUKAROVSKY, Jan. **Escritos sobre Estética e Semiótica da Arte**. Lisboa: Estampa, 1981.

RODRIGUES, Selma Calasans. **O fantástico**. São Paulo: Ática, 1988

SOUZA, R. A. **Teoria da Literatura**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2010

VALÉRY, Paul. Discurso sobre a estética. In: LIMA, Luiz Costa (org). **Teoria da literatura em suas fontes**. Vol I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-228-9



9 788572 472289